



**APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DE UMA TURMA DE 4º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL:
investigando alunos em situação de dificuldade no aprendizado**

André Vicente*

José Luiz Müller**

RESUMO

Neste artigo apresentamos recortes da pesquisa que investigou a rotina no processo de ensino-aprendizagem em uma turma de 4º ano do ensino fundamental em uma escola municipal localizada na periferia do município de Sinop. Tratou-se de um estudo de caso que buscou levantar dados para fazer-se uma reflexão sobre as dificuldades encontradas no processo de formação de construção, pelos alunos, dos saberes formais ensinados na escola. Nessa linha fez-se primeira uma reflexão sobre as teorias que discutem os processos de ensino aprendizagem, dialogando com elas no intuito de toma-las como orientadoras em nossa investigação. Terminamos com a discussão sobre a realidade encontrada, sinalizando possíveis alternativas ao enfrentamento da questão da dificuldade em aprendizagem.

Palavras-chave: Educação. Escola. Aluno. Dificuldade em aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO¹

Ao começarmos nossos afazeres diários, sem perceber, fazemos uso de uma grande quantidade de informações, que nos servem de orientação ao executarmos as tarefas que julgamos necessárias para nossa sobrevivência.

De fato ao se refletir sobre nossas ações diárias, perceberemos que o simples ato de se escolher determinada tarefa em detrimento de outra, requer de nossa parte, uma previa consulta mental para se determinar um grau de importância ou mesmo uma ordem a se executar tais tarefas.

* Acadêmico do 8º semestre do Curso de Pedagogia, *campus* Universitário de Sinop, UNEMAT.

** Professor do Curso de Pedagogia, *campus* Universitário de Sinop – UNEMAT.

Refletindo sobre esses conhecimentos prévios, é importante perceber que eles se constituem de aprendizados construídos no decorrer de nossas vidas, ou seja, ao longo de nossas vidas vamos aprendendo e construindo conhecimentos (VYGOTSKY, 2007). Ressaltar esse fato nos é relevante, pois nos faz perceber que o processo de aprendizagem se dá ao longo de um determinado tempo.

Nessa dinâmica, percebemos que é vital para o ser humano em sua vida, construir determinados conhecimentos sobre a sociedade que o cerca, para com isso se integrar e fazer parte dela. Ter isso em perspectiva nos parece importante, pois percebemos que tais conhecimentos sociais não são inatos ao ser humano.

Nesse sentido Vygotsky faz uma reflexão dizendo:

[...] A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir, são incorporados nesse sistema de comportamento e são culturalmente reconstituídos e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica. (VYGOTSKY, 2007, p.58).

Partindo desse pensamento, observamos que ao longo de sua história, o ser humano construiu uma grande quantidade de conhecimento, que hoje se mostram de vital importância na forma como este vive e se produz.

Toda essa discussão sobre os processos que constituem a construção de conhecimentos nos é relevante, pois nos leva a questionar o fato de que tal processo não se mostra universal a todos, apresentando diferenças tanto de natureza sociocultural, quanto de natureza temporal.

2 DIFICULDADE EM APRENDER

O ser humano esta sempre em processo de aprendizagem, pois como dito, este tem por característica se construir socialmente (VYGOTSKY, 1993), aprendendo com a sociedade que o cerca, os conhecimentos que lhe serão necessários para se humanizar, e assim sobreviver.

Mas se estamos sempre aprendendo, por que essa dificuldade de alunos frente aos conhecimentos que lhe são propostos em sala de aula?

De fato a diferença entre a organização da escola e a vida cotidiana da criança em sua casa, remete esta a uma reflexão sobre os sentidos de se estar na escola. E o fato de a escola muitas vezes estabelecer uma relação, mais institucional e menos prazerosa para criança do

que a vivenciada em casa faz com que esta entenda o ato de ir à escola, como um momento de ruptura na sua vida cotidiana.

Entender essas relações também é importante, pois segundo Leite (2003) o conhecimento é construído a partir da relação que se estabelece entre sujeito e objeto, onde é mediada na escola principalmente pelo professor. O professor esta sempre mediando os alunos, ajudando e tirando suas duvidas, mas também aprendendo com eles.

E nesta investigação pretende-se levantar questionamentos a respeito da aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Pois há uma grande necessidade de discutir a aprendizagem, afinal se encontra hoje em nossa sociedade fortes criticas a respeito da qualidade do aprendizado das crianças, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental.

3 REFLETINDO A REALIDADE ENCONTRADA

Antes de começarmos nossas ponderações sobre os dados por nós levantados queremos nos posicionar diante deles, norteando nossas interpretações numa perspectiva de não buscarmos culpados para as situações de dificuldade de aprendizagem investigadas por nós.

Buscaremos abordar essa questão estabelecendo um diálogo entre as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, pois entendemos que este se caracteriza por uma relação dialética entre aqueles que buscam o conhecimento (alunos) e aqueles que mediam tais conhecimentos (docentes, pais e sociedade).

Charlot (2000) nesse sentido nos atenta que ‘toda relação com o saber é também relação com o outro, que esse outro é aquele que me ajuda a aprender’ os conhecimentos que serão necessários na minha formação enquanto integrante de uma sociedade que me rodeia.

Nesse sentido iremos situar nossas discussões levando em conta que o processo de ensino-aprendizagem se constitui das relações entre sujeitos sociais, e que por isso sofre influencia de experiências vivenciadas por esses sujeitos. Experiências que servem a esses sujeitos como pontos de orientação no estabelecimento de novas relações.

De fato, Vygotsky (2007) nos trás essa mesma reflexão quando nos orienta que, no que se refere à pesquisa em aprendizagem devesse ‘analisar processos e não objetos’, pois o ser humano não é algo estático e imutável, mas sim dinâmico, estando sempre em processo de desenvolvimento e mudança. Assim, ao se buscar explicação a determinado fenômeno psicológico, devesse investigar os processos que levam a ocorrência do mesmo.

4 OS DADOS DA OBSERVAÇÃO

Num primeiro momento nos deparamos, com uma escola em transformação físico-estrutural, que a nosso ver se fez sentir nas relações de todos os membros da escola. De fato a escola se viu em uma situação peculiar, pois foi obrigada a trabalhar com metade da escola pronta e outra metade em obras. Fazemos essa reflexão tendo em vista que as acomodações de uma escola exercem influencia nas relações estabelecidas por seus membros, afinal o tipo de acomodação pode facilitar ou dificultar os processos desenvolvidos na escola.

Nessa perspectiva, a turma investigada, por se enquadrar entre os alunos de maior idade, foi alocada na extensão, que possuía salas quentes e apertada para o numero de alunos da turma. Levanto essa questão por conta de tal direcionamento ter gerado grande discussão, tanto por parte da turma, quanto pelos professores, pois estes, ao perceberem as diferenças em relação às salas novas, se mostraram descontentes com a situação.

Se voltarmos um pouco em nossas discussões, perceberemos que o emocional também exerce influencia no processo de ensino-aprendizagem, e nesse caso em especifico percebemos que a mudança de ambiente contribuiu para uma mudança emocional na turma pesquisada.

Um fato bastante curioso nesse sentido é que após a ida da turma para sala nova verificou-se pela professora a ocorrências de cartas românticas escritas e trocadas por alunos da turma. Isso mostra que realmente houve uma mudança emocional na turma, pois estes começaram a se perceber de formas diferentes.

Com isso percebemos que uma mudança física motivou uma mudança emocional, e essa por sua vez motivou uma mudança nas relações em sala de aula, que passaram a ser menos conflituosas e mais colaborativas.

5 DIÁLOGO COM A PROFESSORA

Partindo agora para uma reflexão mais direcionada ao individual na relação cotidiana da turma, primeiramente entrevistamos a professora pedagoga responsável pela maioria dos conteúdos trabalhados em sala, dentre eles o aprendizado da língua escrita, do raciocínio logico matemático e do saber histórico-geográfico, sendo estes entendidos por nós como a base dos saberes formal necessário a nossa formação humana.

Nossas observações nos mostraram que no caso dessa turma a professora tomou como ponto de partida desenvolver trabalhos no sentido de motivar os alunos a criarem um abito de

leitura, pois segundo seu apontamento, muitas das dificuldades dos alunos acontecem por conta de os mesmo não serem capazes de interpretar o que pede os exercícios.

Partindo dessa discussão questionamos a professora com ralação aos demais conteúdos, ponderando se um trabalho mais direcionado para leitura e escrita não prejudicaria o trabalho com os outros conteúdos. Ela pontuou dizendo que “aprender é um processo contínuo que começa na leitura”. Com isso defendeu que “o aluno que é capaz de ler e interpretar desenvolve melhor os conteúdos”.

E em nossas observações percebeu-se que muitas das ações realizadas pela professora se orientaram no sentido de se trabalhar o emocional da turma, e um exemplo disso era a forma como esta lidava com a conduta em sala de aula, criando uma classificação semanal onde os alunos que tiveram um comportamento mais cooperativo tinham seus nomes escritos em um caderno verde, já alunos que necessitassem melhorar sua conduta tinham seu nome escrito em um caderno amarelo, e alunos que agiam de forma indisciplinada tinham seus nomes escritos em um caderno vermelho.

Ao refletirmos sobre essa estratégia de cores para qualificar os alunos em sala de aula, observamos que tal dinâmica foi principalmente usada no intuito de controlar a indisciplina em sala de aula, e num primeiro momento questionamos a professora se tal estratégia não seria entendida pelos alunos como uma forma de qualificar a turma em alunos bons e ruins, e que tal qualificação acabaria desmotivando aqueles que não conseguissem alcançar a cor verde.

Defendendo sua estratégia ela argumentou que é preciso que haja um mínimo de disciplina para poder se trabalhar e orientar os conteúdos em sala de aula. E que uma sala onde os alunos se comportam de forma indisciplinada não só contribui para desmotivar a turma, pois cria um ambiente de agressões, como inviabiliza a realização de trabalhos diferenciados, pois uma mudança na rotina da sala é entendida como um momento de descompromisso com o aprendizado.

Fechamos esse dialogo reconhecendo que após a vinda da turma para parte nova da escola, se percebeu uma grande mudança na abordagem dos conteúdos trabalhados pela professora em sala de aula, sendo que na extensão predominava o uso do giz e do quadro.

6 OS ALUNOS E SUAS RELAÇÕES COM A ESCOLA

Partindo para o objeto primário de nossa investigação queremos agora refletir sobre os alunos acompanhados em nossa pesquisa. Com tudo queremos no situar frente a uma questão

que a princípio não nós era percebida, mas ao passo em que íamos levantando os dados, nos suscitou responde-la.

A indagação que surgiu ao longo de nossa pesquisa se refere ao fato de se delimitar o que define um aluno em situação de dificuldade de aprendizado, pois ao longo de nossa investigação não se verificou na turma um aluno que fosse incapaz de aprender. Em outras palavras, percebeu-se que ao longo do período em que acompanhamos a turma, todos apresentaram uma mudança em relação ao período em que iniciaram o ano letivo.

Nesse sentido queremos nos posicionar nessa reflexão a custa dos dados referente aos alunos, tomando como eixo norteador o processo de aprendizagem dos conteúdos formais trabalhados em sala de aula, pois entendemos que são esses saberes que são tidos pela escola como necessários na vida escolar dos alunos, afinal é o aprendizado ou não deles que determina se o aluno segue ou permanece em determinado período escolar.

Não queremos com isso desconsiderar os outros aspectos presentes na vida escolar dos alunos e que também fazem parte do processo de aprendizagem, pois também são eles fundamentais na construção dos saberes formal. Porém mesmo tendo claro que aprender na escola não se resume a conteúdos, queremos lembrar que são eles o eixo norteador em todos os processos desenvolvidos na escola.

Partindo dessa reflexão percebemos que ao se delimitar quais alunos seriam percebidos como em situação de dificuldade, tomaríamos como eixo norteador a relação deles com o aprendizado dos conteúdos formais entendidos pela escola como necessários de serem construídos pelos mesmos ao longo do ano.

Outros pontos, porém, também se faz necessário refletir antes de dialogar com os dados levantados sobre os alunos, que se referem à questão da disciplina em sala de aula, o fator socioeconômico dos alunos e a origem sociocultural, pois se constatou que tais pontos são bastante discutidos pela comunidade escolar, sendo eles apontados muitas vezes como a causa de insucesso de alunos em aprender os conteúdos em sala.

No tocante a disciplina em sala de aula Fleuri (2008, p.470) nos atenta que “[...] as iniciativas identificadas como ‘indisciplina’ podem ser potencializadas como fatores de emancipação e de construção da democracia na escola”.

Nesse sentido queremos lembrar que mesmo uma situação de indisciplina em sala de aula pode ser transformadora, pois muitas vezes elas evidenciam uma necessidade de mudança nas relações estabelecidas em sala de aulas, afinal a indisciplina é um dos primeiros sinais de divergências nas relações construídas pelos alunos, seja com os conteúdos, seja nas relações interpessoais em sala.

Outro fator bastante discutido como desencadeador de dificuldade e a situação socioeconômica de alunos de escola pública, que é o caso aqui investigado. Charlot (2000) nessa questão nos atenta que vincular deficiência socioeconômica e fracasso na escola pode levar a pesquisa a cometer o erro de transformar uma variável em verdade absoluta.

Não queremos com isso fechar os olhos para o fato de que é grande o número de alunos das camadas mais pobres da sociedade que apresentam dificuldade nas suas relações de aprendizado na escola, porém tomar como determinante para o sucesso escolar o aluno se originar de uma realidade econômica estável descredencia a própria escola como mediadora na construção dos conhecimentos formais, pois direciona a entendê-la como sendo pensada para atender somente alunos de determinada parcela da sociedade.

O último ponto que queremos discutir é a questão sociocultural e nesse sentido novamente buscamos em Charlot (2000, p. 250) uma orientação quando este afirma “[...] a deficiência sociocultural não é um fato, uma construção que se importaria à prática docente, mas sim uma construção teórica, uma certa maneira para interpretar o que está ocorrendo (ou não está ocorrendo) nas salas de aula.”

Nesse sentido, não tomaremos a questão sociocultural como determinante no que se refere a discutir as situações de dificuldade encontradas na turma, pois entendemos que essa realidade não afeta a todos os alunos de forma igual, sendo que em alguns dos casos é até superada, não se configurando obstáculo ao aprendizado.

E partindo daí, para nossa investigação, optamos, num primeiro momento, por seguir a delimitação da professora no que se refere a investigar de forma mais minuciosa os alunos que seriam encarados como em situação de dificuldade.

Nesse sentido delimitamos que seriam investigados cinco alunos, que entendidos por ela, apresentavam certa dificuldade no aprendizado dos conteúdos. Grupo esse que era formado por quatro meninos e uma menina, e que em uma turma de vinte alunos representava um quarto da sala.

Primeiramente procuramos em nossa observação coletar elementos que contribuíssem para nos ajudar a entender essa diferença entre o grupo investigado e o restante da turma. E o que nossas observações trouxeram é o fato de que esses alunos se diferem do restante da turma, tanto quanto os demais se diferem entre si.

Nesse sentido percebemos que encontrar um elemento que fosse comum a todos seria bastante improvável, pois o próprio grupo investigado apresentava grandes diferenças em suas relações em sala de aula.

Essa turma também apresentou outra característica bem curiosa, pois os alunos considerados pela professora como indisciplinados não figuravam entre o grupo investigado por dificuldade. De fato o aluno mais conflituoso em sala era um dos que apresentava as melhores notas nas provas objetivas.

Somente quando começamos as entrevistas encontramos um ponto em comum entre esses alunos, que era o fato de os mesmo estarem em uma seriação que não correspondia com as suas idades, sendo que o grupo variava em idades entre 10 e 12 anos e a escola entende que a idade ideal para cursar o 4º ano seria 9 anos.

Isso nos fez concluir que em suas caminhadas até ali, os mesmos já passaram por situações de fracasso no aprendizado escolar. Pois foram retidos em series anteriores que é o caso de três deles, ou estavam cursando novamente a mesma seriação, que é o caso de dois deles.

Seguindo em nossa investigação procuramos entender os sentidos dados por esses alunos ao fato de estarem na escola, e nesse sentido suas respostas direcionaram num sentido de estudar para o trabalho, pois diziam que estavam ali para “ser alguém na vida”.

O fato de essa resposta aparecer em todas as entrevistas no levou a entrevistar também os alunos entendidos pela professora como em situação de êxito na aprendizagem, pois se mostrou necessário fazer um comparativo das formas como os alunos da turma entendem sua presença na escola. E pra nossa surpresa até mesmo os alunos tidos como em êxito responderam fazendo uso da expressão “ser alguém na vida”.

De fato muitas respostas apresentaram semelhanças, um exemplo é referente à rotina fora da escola, pois em todas as respostas se percebeu o abandono da rotina de estudo quando estes se encontram fora da escola. Relatando eles a busca por brincadeiras ou a interação com as mídias disponíveis em suas casas (TV, Rádio e *Internet*).

7 REFLETINDO ALGUMAS POSSIBILIDADES

Diante de toda reflexão feita em nossa investigação e frente o desafio de adotar uma nova didática na escola que dê conta de proporcionar o aprendizado da criança, porém com o abandono de métodos conservadores e com uma realidade atual de baixos rendimentos escolares, muitas discussões e propostas tem se apresentado para propiciar aos docentes meios de construir com as crianças o aprendizado necessário a sua formação.

Propostas interessantes têm se referido a jogos, pois os jogos têm para criança um caráter estimulatório, conseguindo prender a atenção da criança e levando-a a uma interação e compromisso com a proposta do jogo.

Aguiar (1998) também ressalta o uso de jogos como estímulo de estudo tanto para leitura e escrita, que são aprendizados mais subjetivos, quanto para o raciocínio mais objetivo da matemática, pois o jogo consegue dar sentido de utilização ao conhecimento adquirido pela criança, levando-a a querer aprender mais para melhor dominar os conceitos propostos pelos demais conteúdos.

Também para uma abordagem no aprendizado da leitura e escrita, objeto de estudo de Goulart (2000), em que faz uma análise da construção da significação da linguagem em crianças de 8 anos, percebe que numa produção de textos sobre assuntos que ouviram na TV, em sua rua, nos jornais, enfim, crianças tendem a escrever utilizando informações do seu dia-dia.

Nessa abordagem de propor conhecimentos formais de forma interativa e estimulante, encontramos também estudos com a utilização do lúdico no processo de ensino aprendizagem, pois este consegue trabalhar a imaginação, a expressão e a comunicação, trabalhando junto com isso o emocional da criança, proporcionado assim um autoconhecimento, pois muitas de nossas decisões quando crianças levam em conta o emocional.

Percebe-se que esses estudos apontam uma maior interação da criança com o meio que a cerca, para que interagindo com sua realidade esta possa construir a necessidade do aprendizado, e que mesmo sendo um ambiente institucional, a escola precisa fazer parte da vida da criança, e não propor retirá-la, mesmo que alguns instantes, de sua vida.

CHILDREN'S LEARNING IN A 4TH GRADE KINDERGARTEN GROUP: INVESTIGATING STUDENTS IN DIFFICULTY IN LEARNING

ABSTRACT²

This research investigates the teaching-learning process in a 4th grade group of a public elementary school located in the outskirts of Sinop. It is a case study which tries to gather data so as to reflect the difficulties found by the students in the construction formation process concerning the formal knowledge taught in that school. Following this line we have first made an investigation about the theories that refer to the teaching – learning processes,

² Tradução pela professora Maria Amélia [Meloca] Conter de São José, Professora do Curso de Letras da UNEMAT / Sinop. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

based on studies by Lev Semenevitch Vygotsky and Bernard Charlot, as well as dialoguing with them, in order to have them as supervisors in our investigation. And we closed with the discussion about the reality found, showing some possible alternatives that might help us face the matter of difficulties in the learning process.

Keywords: Education. Student. School. Difficulties in the learning process.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de. **Jogos para o ensino de conceitos:** Leitura e escrita na pré-escola, Campinas: Papirus, 1998.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria “consciência”. In: **Caderno de pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, julho 2000, n. 110.

CHARLOT, Bernad. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 2000.

FLEURI, Reinaldo Matias. Rebeldia e democracia na escola. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, dez 2008.

GOULART, Cecília Maria: A apropriação da linguagem escrita e o trabalho alfabetizador na escola. In: **Caderno de pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, julho 2000 n. 110.

LEITE, Sergio A. S.: Notas sobre o processo de alfabetização escolar. In: **Alfabetização e Letramento:** contribuições para as praticas pedagógica / Sergio Antonio da Silva Leite (org); 2. ed. Campinas: Komedi, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenevitch. **Pensamento e linguagem.** Tradução Jéferson Luiz Camargo (Psicologia e pedagogia). São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A formação social da mente:** O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores / Organizadores: Michael Cole, Vera John-Steiner, Sylvia Scribner, Ellen Souberman; Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7.ed. . São Paulo: Martins Fontes, 2007.